

## Entre Weber e Keynes: o empreendedorismo da fé no Brasil\*

*Between Weber and Keynes: The Entrepreneurship of Faith in Brazil*

Abraão da Cruz Tavares e Gabriella Rodrigues Rocha\*\*

**Resumo:** A partir dos conceitos weberiano de “espírito” do capitalismo, oriundo de uma ascese em que o indivíduo orienta suas atitudes para um fim visando seu favorecimento, e keynesiano de *animal spirits* em que existe uma força atomizadora que ativa o otimismo do indivíduo empreendedor, buscou-se aproximar as duas leituras para entender o discurso Neopentecostal no Brasil a partir da década de 1970, surgimento dos principais expoentes nacionais. Nosso intuito foi verificar como esses conceitos se aproximaram da base teológica da Teologia da Prosperidade, marca dessas igrejas que alimentou não só a ação do fiel enquanto empreendedor de si, como conseqüentemente se mostrou crucial para o crescimento das atividades religiosas e arrecadações financeiras registradas por essas instituições nos últimos anos.

**Palavras-chave:** Espírito Capitalista. Animal Spirits. Neopentecostais. Teologia da Prosperidade. Mercado Religioso.

**Abstract:** Based on the Weberian concepts of “spirit” of capitalism, which arises from an asceticism in which the individual guides his attitudes towards an end aiming at his favor, and keynesian of animal spirits in which there is an atomizing force that activates the optimism of the entrepreneurial individual, we seek to bring the two readings to understand the neo-Pentecostal discourse in Brazil from the 1970s onwards, the emergence of the main national exponents. Our intention had been to verify how these concepts approached the theological basis of the Prosperity Theology, hallmarks of these churches and fed not only the action of the faithful as entrepreneurs, but, consequently, proved to be crucial to the growth of religious activities and financial collections registered by these institutions in recent years.

**Keywords:** Capitalist Spirit. Animal Spirits. Neopentecostals. Prosperity Theology. Religious Market.

**JEL:** B22. B31. A13. Z1.

---

\* Submissão: 15/06/2020 | Aprovação: 04/11/2020 | DOI: 10.5380/re.v43i80.74497

\*\* Respectivamente: (1) Mestre em Economia e Desenvolvimento pela Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo (EPPEN/Unifesp) | ORCID: 0000-0002-2041-7407 | E-mail: atavares.kemp@gmail.com | (2) Mestre em Economia e Desenvolvimento pela Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo (EPPEN/Unifesp) | ORCID: 0000-0001-8207-6815 | E-mail: gabriellarocha@gmail.com



## 1. Introdução

A obra *Carmina Burana*, musicalizada por Carl Orff (1895-1982), traduziu a fortuna como uma grande roda: volúvel, passageira e mutável; a imperatriz do mundo pregará uma peça mesmo no mais bento ser humano, como em um de seus trechos que diz: “No trono da Fortuna eu sentara, elevado, coroado com as flores multicoloridas da prosperidade; apesar de ter florescido feliz e abençoado, agora do alto eu caio privado de glória”<sup>1</sup>. Esta ideia de transitório, e até impreciso, foi indicada pelo escritor do Livro de Eclesiastes no Antigo Testamento como nuvem de tudo que acontece debaixo do sol; correr atrás do vento, vaidade, cíclico.

O nascedouro do cristianismo está ligado à fragmentação gestada entre os povos hebreus e foi a partir da civilização romana que ganhou *status* de religião e tempos depois conquistou a posição de religião oficial de Estado. Não fará parte de nossa intenção neste artigo resgatar detidamente a história do cristianismo, nem mesmo nos deter nos aspectos da Reforma Protestante, momento de cisão entre o Catolicismo Apostólico Romano e o Cristianismo Apostólico Protestante. Mesmo julgando imprescindível para um entendimento dos desdobramentos políticos e sociais, para acurarmos em nossa problemática, daremos um salto histórico a fim de descrever nosso objeto: o caráter da expansão Neopentecostal no Brasil a partir de 1970.

O que nos interessa verificar é a partir das concepções weberiana de “espírito” do capitalismo (fruto da ascese do indivíduo) e keynesiana de *animal spirits*, como é possível estabelecer uma proximidade entre os dois conceitos, de maneira a questionar a existência de meandros que levem à explicação da aceitação e crescimento neopentecostal no cenário brasileiro, a partir da década de 1970 – estabelecimento dessa vertente no país.

A partir de Weber – que inaugurou uma forma de olhar o capitalismo segundo uma ótica protestante – e Keynes – que apontou o otimismo denominado de *animal spirits* como o impulso que faz com que os investidores se movam em contextos de incerteza –, pretendemos estabelecer uma rota que ligue as crises socioeconômicas e políticas que caracterizaram o cenário capitalista brasileiro. Um capitalismo que gerou crises trabalhistas e aprofundou as desigualdades de renda nacionais. Acerca dos neopentecostais, chamamos atenção para o recorte de um

---

<sup>1</sup> Tradução nossa do latim para o português.

novo movimento nascido do seio protestante, especificamente norte-americano, e exportado para o Brasil para atender as novas demandas religiosas de um país que, em tão pouco tempo de história, viveu alterações em sua estrutura e relações produtivas, bem como o otimismo neste cenário de incerteza.

Este artigo está dividido em seis seções, incluindo essa introdução e a conclusão. A segunda seção apresenta a visão de Max Weber sobre o surgimento do fenômeno capitalista a partir da ética protestante, baseado no livro “A Ética Protestante e o Espírito Capitalista”. A terceira seção mostra a relação do conceito de *animal spirits*, apresentado por Keynes em “A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda”, com o “espírito” capitalista de Weber. A quarta seção expõe o contexto histórico de surgimento dos neopentecostais no Brasil. A quinta seção apresenta a igreja como nova expressão de empreendimento econômico, em que foram usados dados sobre a distribuição da população brasileira por religião para regiões do Brasil nos anos de 2000 e 2010, a partir de dados do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE); dados sobre a atividade econômica das organizações religiosas ou filosóficas para o Brasil nos anos de 2010 a 2018 comparativamente com outras organizações - através dos microdados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS); informações sobre a arrecadação das organizações religiosas, através dos dados da Receita Federal Brasileira (RFB) e Ministério da Economia; e números de Igrejas implantadas para algumas das principais expoentes de denominações<sup>2</sup> neopentecostais.

## 2. O capitalismo e seu embasamento teológico

Entre 1904 e 1905, Max Weber publicou “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” no formato de dois artigos, argumentando uma adequação do capitalismo aos fundamentos da disciplina protestante que, por consequência, gerou o “espírito” capitalista. Weber possuía uma interpretação cultural para o sistema econômico em questão, mostrando que o “espírito” está no centro das ações econômicas capitalistas.

Segundo Oliveira (2010), a intenção de Weber em utilizar a palavra “espírito” foi para enfatizar que o capitalismo surgiu de uma base religiosa, mais

---

<sup>2</sup> Entenda-se neste artigo denominações como tipos de Igreja; por exemplo, chamar como denominação à Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

especificamente protestante, no qual o “espírito” é produto de uma ascese. Porém, com o avanço da modernidade e da racionalidade, esse capitalismo foi se afastando deste embasamento e assumindo suas próprias características, tornando-se laico; corroborando com o que Esperandio (2005) apresentou em uma mudança de lógica: antes o ganho em função do ser humano para necessidades pontuais; agora o ganho para ser a finalidade da vida.

Para sustentar seu argumento, Max Weber utilizou o texto de Benjamin Franklin, em que Franklin<sup>3</sup> ressaltou as seguintes virtudes: “Lembra-te que tempo é dinheiro” – mostrando a importância de saber aproveitar o tempo para que não haja desperdício; “Lembra-te de que o crédito é dinheiro” – a necessidade de saber usar o dinheiro reafirmando a ideia dos juros; “Lembra-te que o dinheiro é de natureza prolífera e geradora” – ou seja, o dinheiro pode gerar mais dinheiro e seu produto (lucro) pode gerar mais produto; “Lembra-te deste ditado: O bom pagador é dono da bolsa alheia” – referindo-se ao cumprimento do pagamento pontual de suas dívidas como característica importante, pois é determinante para conseguir novos empréstimos.

Com isso Weber mostrou o distanciamento do capitalismo de sua base religiosa, seguindo o utilitarismo:

[por exemplo], a honestidade é útil pois assegura o crédito, é a razão pela qual são virtudes ... [em que] a aparência de honestidade serviria ao mesmo propósito quando fosse suficiente e um excesso desnecessário dessa virtude pareceria ... um desperdício improdutivo (WEBER, 2011, p. 50).

Desse modo, Weber apontou, a partir do texto de Franklin, apenas são virtudes se forem úteis para o indivíduo. Em que a mera aparência é sempre suficiente desde que tenha o resultado esperado, sendo esta a conclusão inevitável do utilitarismo estrito.

Weber (2011) indicou que a ascensão deste comportamento ético fez com que o indivíduo seja dominado pela geração de dinheiro, pela aquisição como propósito da manifestação da intenção final de vida, em que esta aquisição econômica não está mais empregada ao indivíduo como forma de satisfação de suas necessidades materiais. Assim, o dever do indivíduo em relação à carreira é

---

<sup>3</sup> As sentenças feitas por Benjamin Franklin se encontram no capítulo 2 – *O espírito do capitalismo* em Weber (2011, p. 48-49).

uma característica da ética social da cultura capitalista, ou seja, o acúmulo de bens materiais é produto de uma cultura proveniente da Reforma Protestante – a ética e moral estão ligadas ao trabalho e à economia, que interpreta o descanso como pecado e estimula o acúmulo desfrutado como prática moral digna, isto é, o lucro não é pecado. Conforme apontou:

Sobre a doutrina do mais ingênuo materialismo histórico, segundo a qual tais ideias se originaram como reflexo ou como superestrutura da situação econômica [...]. Nesse ponto, basta para os nossos propósitos chamar atenção para o fato de que, sem dúvida, no local de nascimento de Benjamim Franklin (Massachusetts) o espírito do capitalismo (no sentido adotado) estava presente antes da ordem capitalista. Havia queixas contra uma habilidade peculiar de cálculo para obtenção de lucro na Nova Inglaterra que se distinguiu das outras partes da América desde os idos de 1632. Está fora de questão que o capitalismo permaneceu, de longe, menos desenvolvido em algumas das colônias vizinhas, que depois se tornariam os estados do sul dos Estados Unidos da América, a despeito do fato de que essas últimas foram fundadas por grandes capitalistas por motivos comerciais, enquanto as colônias da Nova Inglaterra foram fundadas por pregadores e graduados com a ajuda de pequenos burgueses, artesãos e *yemen*, por motivos religiosos (WEBER, 2011, p. 52-53).

Assim, o “espírito” precede o próprio capitalismo, pois o sistema é um fenômeno culturalista onde o “espírito” que o cria.

Weber também apontou uma crítica ao argumento de Marx sobre a origem do capitalismo. Para Marx (1996 [1867]), o capitalismo não é um fenômeno natural, trata-se essencialmente de uma ordem social, histórica, estabelecida a partir da luta de classes em que o mercado não fornece oportunidades, liberdade e igualdade dos agentes econômicos, sendo dominadora, opressora e exploradora. O capital é a forma de acumulação de valor excedente através do consumo produtivo de mercadorias, de acordo com o padrão de tecnologia vigente, produzidos com preços competitivos e baixos custos de produção. A tensão provocada pelas interpretações dos dois autores reside justamente na forma de ler o capitalismo: Marx via no campo econômico manifestado na luta de classes a expressão do surgimento deste sistema que para ele trazia contradições intrínsecas; já Weber não rejeitou questões econômicas, mas corroborou a existência do capitalismo a partir de uma interpretação sustentada na cultura, pois fundamental para entender a consolidação do sistema foi, para o autor, primeiro entender como uma série de

preceitos que moldaram a forma de vida dos protestantes (ascese) serviu de base a se solidificar, o que viria depois ser usado no capitalismo.

Weber (2011) mostrou ainda que houve quatro principais formas de protestantismo ascético na história: o pietismo, o metodismo, o movimento Batista e o calvinismo, tendo este último destaque, devido estar presente com maior força aos estímulos do “espírito” do capitalismo.

O Calvinismo da leitura weberiana acredita que os salvos são escolhidos por Deus antes da criação do mundo, tendo uma separação divina entre salvos e perdidos, em que estes perdidos não têm direito à salvação. No entanto, o ser humano não tem consciência de sua posição, sendo a obra de santificação que mostrará se o indivíduo é salvo ou perdido. Assim, essa doutrina causa um sentimento de solidão interior do indivíduo, pois o ser humano traçará sozinho seu caminho ao encontro do seu destino já definido e ninguém poderia ajudá-lo (WEBER, 2011).

De acordo com Oliveira (2010), a religião calvinista dá muita importância à racionalidade e que o divino é superior ao ser humano, no qual, este processo desvinculado da religião dos sacramentos salvíficos em busca da racionalidade, resulta no que Weber chama de desencantamento do mundo. Isso faz com que surja a possibilidade da dúvida em relação à salvação e a necessidade de uma cura para essa insegurança, definindo a base do “espírito” capitalista, pois o trabalho incessante é uma forma de atingir autoconfiança, cessando a imprecisão e afirmando o estado de salvação.

Neste caminho, Weber (2011) ressaltou que o calvinismo foi fundamental para o capitalismo, uma vez que a salvação faz com que o ser humano busque sistematicamente a perfeição constante de seu caráter, usufruindo dos benefícios da graça dada por Deus.

A ideia do dever do homem para com suas posses, ao qual se submete como um obediente encarregado, ou mesmo como uma máquina de ganhar dinheiro, onera a sua vida com seu peso desalentador. Quanto maior a posse, desde que a atitude ascética para com a vida esteja dominando, mais pesado o sentimento de responsabilidade em mantê-la intacta para a glória de Deus e em fazê-la crescer em um esforço contínuo. As origens desse tipo de vida se estendem em certas raízes, como diversos aspectos do espírito do capitalismo, à Idade Média. Mas foi na ética do protestantismo ascético que encontrou fundamentos éticos consistentes. Seu significado para o desenvolvimento do capitalismo é óbvio (WEBER, 2011, p. 132).

Para Weber (2011) quando o ascetismo se estendeu além das celas monásticas, fez introduzir na vida cotidiana e começou a dominar a moralidade laica, contribuindo assim para a formação da ordem econômica moderna, sendo esta ordem ligada às condições técnicas e econômicas da produção pelas máquinas. Foi neste contexto que o capitalismo se distanciou da sua formação religiosa em que a vocação não estava mais relacionada diretamente com os valores espirituais e culturais.

Uma vez que o ascetismo se encarregou de remodelar o mundo e nele desenvolver seus ideais, os bens materiais adquiriram um poder crescente e, por fim, inexorável sobre a vida do homem, como em nenhum outro período histórico. Hoje, o espírito do ascetismo religioso – quem sabe se definitivamente – fugiu da prisão. Mas o capitalismo vitorioso, uma vez que repousa em fundamentos mecânicos, não mais precisa de seu suporte (WEBER, 2011, p. 140).

Destarte, o capitalismo já consolidado não necessitaria mais de seu apoio na religião, uma vez que seu desenvolvimento extrapolaria para além dos círculos culturais. A ascese, esse comportamento de vida tão crucial para a formação de um arrimo ao desenvolvimento, foi para a Weber a gênese do sistema capitalista. Esta forma (disciplina) desencantada de perceber o mundo pode ser transportada para o que atualmente tem se desenvolvido na rotina de vida prática do discurso neopentecostal. Conforme afirmou Esperandio (2005) o que dantes foi usado como uma ascese mirando em uma vida além desta vivida, criando uma rotina de poupança, na pós-modernidade a atitude se reverteu para obter lucro destinado ao consumo, sendo que a categoria central é a permanência do instrumento um tanto quanto pedagógico: a disciplina<sup>4</sup>.

### 3. *Animal spirits* e “espírito” do capitalismo

O espírito como o centro das ações econômicas capitalistas alimenta uma estrutura que transcende da ótica de ver o mundo para configurar o modo como se relaciona com ele. Esperandio (2005) apontou que “o trabalho concebido então, como vocação profissional, como meio ótimo para certificar-se do estado de graça, foi o estímulo psicológico para a eficácia do capitalismo” (ESPERANDIO, 2005, p. 7). No mesmo caminho Uhr *et al.* (2021) chamou a atenção para a característica de ação do empresário dotado desse “espírito” capitalista. Assim, torna-se

<sup>4</sup> Usamos disciplina no mesmo sentido de ascese.

instigante ir de encontro com o conceito de *animal spirits* adotado por Keynes em seu livro “Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda” – a partir desse momento chamaremos de TG.

Originário da medicina, o conceito inicialmente fora usado pelo filósofo francês René Descartes, em que para o autor *animal spirits* é o sangue aquecido pelas batidas do coração, que se movem em direção ao cérebro, penetrando nos nervos e nos músculos, por meio dos quais eles movem o corpo de todas as maneiras diferentes; os movimentos do corpo são causados por interpelações do *animal spirits*, todavia podem ser afetados pelas emoções, mente ou alma (KOPPL, 1991)<sup>5</sup>.

Keynes (2012 [1936]), no capítulo 12, falou sobre o estado da expectativa de longo prazo que é a base para as tomadas de decisões por parte dos investidores. Não depende exclusivamente do prognóstico mais provável que podemos formular, tendo por base um conhecimento de esperanças matemáticas probabilísticas. Desse modo, o conhecimento é incerto. As pessoas não conseguem avaliar a certeza do futuro pela probabilidade, por não existir uma base matemática que justifique tal projeção, pelo menos não de maneira confiável. Não se pode reivindicar conhecimento do futuro, pois a chave para entender esse conceito é o universo humano histórico-social<sup>6</sup> e é nesse contexto de incerteza<sup>7</sup> que o *animal spirits* foi introduzido<sup>8</sup>. *Animal spirits* é um impulso espontâneo à ação em que as atividades são induzidas e carregadas de otimismo que serão a força que moverá o empreendedor.

Most, probably, of our decisions to do something positive, the full consequences of which will be drawn out over many days to come, can only be taken as a result of animal spirits – of a spontaneous urge to action rather than inaction, and not as the outcome of a weighted average of quantitative benefits multiplied by quantitative probabilities (KEYNES, 2013, p. 161).

<sup>5</sup> Conforme ainda apontou Koppl: “For businessmen and, indeed, for people in the ordinary business of life, animal spirits prevent uncertainty from stopping action” (KOPPL, p. 206, 1991); Akerlof e Shiller (2010) trabalharam com a temática construindo uma ideia prática da presença dos conceitos ante os períodos cíclicos de crises norte americanas. Para os autores, o conceito keynesiano que explica o comportamento que move o empresário/investidor é a sua crença. O que soa externo ao pensamento formal econômico, crença, pode muito bem explicar a fé como uma confiança em algo ainda incerto.

<sup>6</sup> Nas palavras de Cardoso e Lima (2008, p. 375) sobre as limitações de projeções econômicas, os modelos econométricos enfrentam a dificuldade de “lidar com fenômenos econômicos que se desenrolam ao longo do tempo histórico”.

<sup>7</sup> Henriques (2000, p. 361) conceitualiza incerteza a partir de dois pontos: a) incerteza enquanto impossibilidade de dar conta de um mundo em que os elementos existem independentemente das ações individuais; b) incerteza enquanto impossibilidade de conhecer os elementos do mundo que, em certo sentido, ainda não foram criados.

<sup>8</sup> Em toda a TG, Keynes se valerá da expressão somente no capítulo 12, por três vezes.



Estabelecendo um caminho que se distancia da racionalidade proposta no conceito do *homo economicus*, Keynes trabalhou na adoção de temáticas filosóficas para questões econômicas; a psicologia marcadamente está presente em sua justificativa (ANDRADE, 2000; HENRIQUES, 2000; CARDOSO; LIMA, 2008). Entender este conceito se faz necessário para ressignificar a razão. Como em Andrade (2000, p. 85) que “rejeita o suposto elo lógico, existente na argumentação positivista [...], entre comportamento racional e certeza ou conhecimento perfeito” e caminha para o que Henriques (2000) indicou residir na crença a necessidade de ação que criará um estado de confiança capaz de justificar um terreno propício ao extinto natural<sup>9</sup>. De modo contrário, dado a possibilidade de um esfriamento desta ação, o caminho para o investimento será escondido pelas expectativas matemáticas – que para Keynes estaria fadado ao fracasso.

Ainda em Henriques, “o indivíduo para agir racionalmente, deve crer no que ele vê sobre o que não é evidente” (HENRIQUES, 2000, p. 374). Um conceito consolidado e que faz parte do vocabulário diário do protestante diz respeito à fé. De acordo com o escrito bíblico encontrado na carta aos Hebreus no Novo Testamento, fé é uma fundamentação em algo que se espera, entretanto que não se vê (BÍBLIA, HEBREUS, 11, 1). Segundo Sung (2014, p. 310) “toda fé pressupõe uma promessa” e a possibilidade de ver a manifestação da fé implícita na TG seria em:

*[...] that it is our innate urge to activity which makes the wheels go round, our rational selves choosing between the alternatives as best we are able, calculating where we can, but often falling back for our motive on whim or sentiment or chance* (KEYNES, 2013, p. 163).

Por essa via, a fé resulta em esperança e motivação, ou seja, causa um estado de confiança para o indivíduo nas tomadas de decisões. O caminho de Keynes foi justificar o sentimento que move o investidor, o injustificável para a teoria clássica. O sentimento “espiritual” que move o capitalismo nos moldes ascéticos weberiano. Nesta via chegamos na unicidade de sentimentos entre igrejas e indivíduos, quando exatamente o discurso da primeira encontra guarida na necessidade do segundo. Manifesto pela Teologia da Prosperidade<sup>10</sup>, as igrejas neopentecostais

<sup>9</sup> O que pode ser percebido de maneira analítica por Macedo e Silva (1994, p. 9-18): “O fato de que os concorrentes estejam investindo pode, assim, desencadear um efeito de emulação: o empresário temerá não estar se preparando a contento para a expansão do mercado prevista por seus concorrentes”.

<sup>10</sup> Doutrina teológica seguida sobretudo pelas Igrejas Neopentecostais, traz como promessa de bem-estar terreno nos campos da saúde, dos sentimentos e do econômico.

desenvolveram um processo de ascese em seus fiéis baseados em um preceito bíblico que entende que é através do ato de se doar que se pode obter algo em troca; uma espécie de investimento. Os indivíduos doando à igreja e às obras mantidas pelas instituições religiosas poderão usufruir das benesses nesta vida justamente pela confiança em uma divindade que responderá positivamente, como foi com os principais personagens bíblicos do passado e como está sendo com muitas pessoas da atualidade, através da ferramenta do testemunho<sup>11</sup>. Assim, potencializa através da fé este otimismo que inflama as emoções – *animal spirits* – e condiz a uma conduta voltada para uma disciplina de doação financeira a estas instituições. Por outro lado, como resultado às igrejas, buscaremos discutir na seção 5.

#### 4. Os neopentecostais

Não existiria forma mais peculiar de abrir essa seção de que indicar a heterogeneidade das categorias existentes dentro do conceito Protestante<sup>12</sup>. No campo considerado como históricos, alguns expoentes são os luteranos, presbiterianos, batistas, metodistas e anglicanos que chegaram ao Brasil em meados do século XIX junto com as imigrações europeias (PATROCINO, 2013). Não somente no caso brasileiro, os protestantes expandiram-se para outras nações e, especialmente no caso norte-americano, ali se instalaram e enraizaram sua cultura. As questões doutrinárias que geraram embates desde a gênese protestante não se limitaram ao tempo e ao espaço do advento reformador no século XVI na Europa. Foi nos EUA que formas diferentes de interpretação da atuação do Espírito Santo<sup>13</sup> originou uma crucial cisão entre os históricos e um novo movimento, que anos mais tarde tornou-se um expoente na América Latina: os pentecostais (MORAES, 2013). Conforme Torres (2007):

O movimento religioso conhecido como *pentecostalismo* surge nos Estados Unidos no início do século XX e é, em grande parte, herdeiro da Reforma Protestante do século XVI. É o último dos três grandes impulsos da Reforma, depois do puritanismo e do metodismo. Seu surgimento pode ser entendido como uma reforma a partir da Reforma Protestante Puritana, embora alguns dos aspectos centrais de sua

---

<sup>11</sup> Quando nos encontros entre fiéis, pessoas são chamadas ao palco para contarem das resoluções obtidas de problemas vividos sobretudo nas esferas da saúde, financeira e sentimental.

<sup>12</sup> Patrocino (2013) fundamentou a origem do termo no seio da problemática existente na Igreja Católica Romana e que abrangia desde questões teológicas, como políticas e econômicas. Protagonizado inicialmente na Alemanha, na figura de Matinho Lutero, a Reforma ganhou ares de protestos em oposição ao controle romano.

<sup>13</sup> Integrante da divindade cristã: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – 3 que formam 1.

mensagem religiosa difiram claramente das posições defendidas pelas denominações que surgiram com o movimento reformador liderado por Calvino. Talvez o ponto mais significativo a esse respeito seja a forte ênfase que o pentecostalismo concede, desde o seu nascimento até a contemporaneidade, aos chamados dons do Espírito Santo (TORRES, 2007, p. 21).

Autores como Ribeiro (2007), Torres (2007), Mariano (2008b; 2011) e Abumanssur (2011), creditaram a tendência desse novo movimento protestante em se instalar em locais, sobretudo, de populações mais pobres. Sejam zonas rurais até zonas periféricas dos grandes centros urbanos, a expansão se deu como resposta ao cenário socioeconômico nacional<sup>14</sup>. Entretanto, Ribeiro (2007) também apontou que a temática pentecostal avançou em territórios urbanos, dantes dominados pelos protestantes históricos: a classe média. Esse caminho descompassado entre os autores poderia ser legitimado pelo o que Fry e Howe (1975, p. 75) descreveram sobre as religiões: “Sofrimento e aflição são genéricos a todas as sociedades e cada sociedade desenvolve formas institucionais para seu controle e resolução”. De acordo com Szmrecsányi (2008, p. 3), no estudo da história “o passado constitui-se apenas uma referência no tempo”; ele é assumido como uma construção para explicar o presente, sendo que esse presente não se furta da explicação do pretérito. E é por essa via que Passos (2000) destaca que as mutações culturais, socioeconômicas e religiosas resultam desencontros<sup>15</sup> que só poderão fundamentalmente serem percebidos através da história.

Avançando no conceito pentecostal e imbuídos da sintaxe de heterogeneidade, Passos (2000) e Torres (2007) distinguiram a categoria em ondas demarcadas por atributos ora singulares, ora plurais – velho e novo que se misturam em uma espécie de plano de fundo. As três ondas foram marcadas por

---

<sup>14</sup> De acordo com Ribeiro (2007, p. 2-3,) a religião é um “ato de “escarificar o próprio corpo”, ou seja, analisar a si mesmo pode tornar-se um processo difícil e penoso”. Assim, de forma a articular respostas a subjetividade do ser e como articula como instrumento de respostas e intervenção social. Moraes e Lanza (2013, p. 144) apontam que “Deste modo, compreendemos que as religiões ou as religiosidades podem ser um instrumento tanto de resignação quanto de ruptura. Portanto, não podemos generalizar o fenômeno religioso com um rótulo estigmatizado, mas questionar quais características e práticas sociais essas desempenham numa sociedade de classes, ou seja, qual real envolvimento político a religião, fundamentada numa determinada teologia, tem desempenhado no meio social ou na constituição do sistema cultural”.

<sup>15</sup> Desencontros são resultados não uniformes, entendidos por Passos (2000, p. 2) como primordial, pois, “Sem isso, corre-se o risco de construir falsas linearidades evolutivas que interpretam os fatos isolados em épocas distintas”.

expoentes institucionais, e que em si, carregam especificidades teológicas como marcadores doutrinários e sociais:

- Primeira Onda (a partir de 1906): rejeitam o mundo por ser um impeditivo do alcance central ao paraíso. Como expoentes principais: a Igreja Evangélica Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil;
- Segunda Onda (a partir 1950): nova onda que é resultado da expansão para novas ênfases teológicas: a cura divina. Como expoentes principais: a Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e a Igreja Deus é Amor;
- Terceira Onda (a partir 1970): surge na cidade do Rio de Janeiro e consigo traz o caráter proselitista das demais ondas adicionadas, com uma nova temática na adoção do apelo à busca pela prosperidade – Teologia da Prosperidade. Os principais expoentes são a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD) e Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD).

Elucidar a partir de uma concepção de ondas avanços não qualitativos e sim muito mais cumulativos, permite focar exatamente na descrição da terceira onda. Foi ela que ficou conhecida no meio protestante, popular e também no acadêmico como os novos pentecostais ou neopentecostais. Passos (2000), Esperandio (2005), Torres (2007), Moraes e Lanza (2013), Gallo (2013), Souza e Pinto (2013) e Sung (2014) apontam que o marco que difere os neopentecostais é a adoção do conceito de Teologia da Prosperidade.

Importado dos EUA, chegou ao Brasil sendo adotado por estas igrejas a Teologia da Prosperidade que gerou uma quebra essencial com as demais ondas, principalmente a primeira, pois o indivíduo ganha expressão enquanto agente que credita à divindade garantia pelo alcance de suas necessidades<sup>16</sup> – entenda-se demandas. A linha de adoção teológica está ligada à história de fundação dessas comunidades. A IURD, que nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1977 foi resultado da saída de seus fundadores, Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares<sup>17</sup>, de uma pequena igreja canadense instalada na mesma cidade em 1960. Em 1980, R. R. Soares rompeu com seu cunhado e fundou a IIGD. Em 1998, de dentro também da IURD surgiu um novo expoente Neopentecostal, a IMPD fundada por

<sup>16</sup> Torres (2007, p. 24) diz que “Agora os fiéis seguidores alcançam certos gozos de ordem material que são em parte a comprovação de que Deus está do seu lado”.

<sup>17</sup> Popularmente conhecido como R. R. Soares – o que adotaremos a partir de então.

Valdemiro Santiago. Algumas outras denominações também ganharam expressivo espaço nacional na onda do nascente sucesso Neopentecostal e do mercado gospel brasileiro; foi o caso da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, fundada em 1986 por Sônia e Estevam Hernandes. Fora do eixo Rio/São Paulo, alguns autores chamaram a atenção para outras expressivas denominações: o Ministério Internacional da Restauração (MIR), fundado em 1992 na cidade de Manaus e a Igreja Batista de Lagoinha<sup>18</sup> (IBL), fundada nos anos de 1950 na capital mineira Belo Horizonte.

De forma mais palpável, como proposta de soluções para aflições<sup>19</sup>, a religião adentrou o mercado tomando o formato econômico por se modelar como mais um produto à disposição a ser investido. De acordo com Fry e Howe (1975), a industrialização e urbanização no Brasil estão intimamente ligadas ao crescimento dos protestantes e da umbanda e esse movimento acabou por afetar a forma com que o indivíduo se relaciona com a sociedade. Almeida (1975) criou um panorama do nascedouro do sindicato no Brasil e desemboca para as décadas de 1960 e 1970 para o que ela caracterizou de restrição da ação sindical.

Na mesma linha, Singer (1973, p. 78) destacou as “severas restrições à atividade sindical, tanto na cidade como no campo depois de 1964”. Concentração de capitais, processo urbanístico em intensa modificação, eliminação dos pequenos e médios empresários, concorrência acirrada dos trabalhadores nas grandes empresas e aprofundamento dos trabalhos autônomos, para o autor remodelam um novo cenário socioeconômico no país, indicando que a maioria da população não se beneficiava de tamanhas proporções.

Não creditando uma relação causal, mas uma aproximação dos fatos à carência humana, a religião como resposta em seu modelo mais recente: neopentecostal desregulamentado; não mais o Catolicismo Romano como religião

---

<sup>18</sup> A IBL é tratada por Pereira (2011) como uma igreja que passou pelo processo de “pentecostalização”. Sai do formato dos protestantes históricos e se configura como uma denominação pentecostal – justificada pelos dogmas teológicos de leitura. Por recorte do artigo não abordaremos esta questão, justificamos seu destaque aqui, pelo recorte proposto de uma igreja nos moldes neopentecostais em expansão como escolha por um modelo empresarial religioso. O destaque que damos a esta Igreja foi o que Campos apontou sobre o distanciamento com os batistas: “Por ser detentora de um modelo de culto mais rígido e racional, dando ênfase na leitura bíblica e na não abertura para êxtases espirituais, a mensagem batista não é caracterizada por ter um discurso acessível ou por agregar as massas populares” (CAMPOS, 2017, p. 9).

<sup>19</sup> Entenda-se aqui por aflição o que Fry e Howe (1975) especificaram em três esferas de demandas: no campo da saúde, econômico e sentimental.

de Estado imposta e sim, um indivíduo que escolhe de maneira que atenda às necessidades humanas daquele momento conforme pode ser visto abaixo:

A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser 'vendida' para uma clientela que não está mais obrigada a 'comprar'. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se *commodities* de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (BERGER, 1985, p. 149 *apud* SUNG, 2014, p. 292).

Assim, ao se deparar com necessidades que já se tornaram difíceis de serem sanadas no campo tradicional da vida econômica, o fiel ouve o discurso que o faz ser motivado em fé. Desperta seu otimismo interior<sup>20</sup>. E se sustenta pela própria confissão da Teologia da Prosperidade: ela não só motiva como garante; a determinação é o combustível da positividade do que se quer será alcançado<sup>21</sup>. A base para esse movimento foi o que Esperandio (2005) e Sung (2014) chamaram de sacrifício: a economia passa ser a religião e exige sacrifícios para serem legitimados e alcançados os resultados esperados.

Lima (2007) descreveu sua experiência com visitas às reuniões semanais promovidas pela IURD. A pesquisadora apontou como as relações econômicas são legitimadas no linguajar religioso a fim de despertar a fé:

De fato, ao longo das duas horas de duração desses cultos, a prédica do bispo (ou do pastor) é explicitamente dedicada ao tema do dinheiro. Nessas ocasiões, não se fala apenas do dinheiro a ser doado à Igreja pelos fiéis, mas também do dinheiro que se pode conquistar através da fé, como aconteceu com aqueles fiéis que sobem ao altar e dão seu "testemunho". Para tratar desse assunto, são empregados termos e conteúdos extraídos do campo semântico da economia, tais como "empresa", "negócio", "lucro", "contrato", "aumento da produção",

---

<sup>20</sup> Esperandio (2005, p. 38) mostrou sobre o eixo principal dos neopentecostais: "Na Teologia da Prosperidade, todos os fiéis que se convertem, tornam-se 'filhos de Deus'. Deus, como criador do universo e dono de todas as coisas e de toda a riqueza do mundo, coloca toda essa riqueza ao dispor de seus filhos - os que o aceitam pela fé. Nesse contexto, a fé toma um novo sentido. Ela já não é mais a fé para salvação, como na versão protestante. Ela é instrumento para tomar posse de bens materiais".

<sup>21</sup> Para Sung (2001, p. 113), "esperança não é mesma coisa que otimismo. Nós somos otimistas "por causa de", isto é, temos razões científicas ou religiosas para o nosso otimismo. Por outro lado, nós temos esperança "apesar de", isto é, sem motivos para otimismo. Esperança nasce de um ato de fé".

“máquinas”, “diferencial do produto no mercado”, “desemprego”, além da menção a grandes quantias que “você vai ganhar”, “que você vai poder dar de dízimo quando Deus te abençoar”. Nessas reuniões, além do dízimo, obrigatório, muitas vezes os crentes são enfaticamente estimulados a se aproximar do altar e contribuir para a “Obra de Deus” também através da doação de “ofertas”. Pois – como é explicado –, ao ajudarem a Igreja Universal do Reino de Deus na divulgação da “mensagem viva e poderosa do Evangelho do Senhor Jesus Cristo”, os fiéis firmam um “compromisso com Deus” e têm, portanto, o direito de se sentirem “sócios de Deus” (LIMA, 2007, p. 136).

Por esse caminho, não seria em vão lembrar o que Oliveira (2011, p. 119) chamou a atenção para a forma de ler a economia brasileira: “havia presidido a industrialização brasileira, arrancando especificamente de bases rurais: o moderno, a indústria, alimentando-se do atrasado, a economia de subsistência”. Em outras palavras, a funcionalização das novas estruturas com as antigas. É a imagem de dois rapazes de gravata que recolhe rosas murchas ou secas na porta de um grande templo com capacidade para mais de 6.000 pessoas em uma segunda-feira de uma grande cidade, conforme descreve Esperandio (2005). É o sacrifício aos deuses para manter o bom funcionamento do sistema social e garantir vitórias e conquistas, de acordo com Sung (2014). Vinhos novos em odres velhos, ou seja, o oferecimento de uma experiência religiosa que carregue resquícios do passado, velho no fundo, e novo na forma, conforme Passos (2000). Entretanto, a funcionalização pode ser percebida como um novo movimento protestante que tem uma capacidade enorme de recriar-se em uma espécie de ousada criatividade e que “[...] saudosistas. Na esteira do ‘progresso’ vêm também os problemas (drogas, bebidas e adolescentes grávidas) e na esteira dos problemas, vêm os pentecostais com as soluções” (ABUMANSSUR, 2011, p. 398).

## 5. Igreja como empresa

Adam Smith (2007), em seu livro *As Riquezas das Nações*, mais exatamente no Livro Quinto – Capítulo I – Parte III – Artigo III, tratou da relação das instituições religiosas e o Estado, na qual os benefícios da competição, assim como os encargos do monopólio e regulação governamental, influenciam tanto os setores da economia como da religião. Segundo o autor, a principal instituição dirigida sob forma de instrução são as religiosas, doutrinando as pessoas a se tornarem bons cidadãos para um mundo melhor, sendo que, essa instrução pode depender

totalmente da sua subsistência mediante a contribuições voluntárias de seus fiéis, ou de algum fundo que a lei de seu país possa lhe dar direito – como uma propriedade fundiária, um dízimo ou imposto da terra, um salário ou estipêndio estabelecido. E é nesse sentido que as novas religiões sempre tiveram uma vantagem considerável em atacar sistemas antigos e estabelecidos, focando em seus próprios benefícios, o que negligencia o fervor da fé e devoção do povo.

Deste modo, Smith (2007) critica o monopólio religioso, garantido pelo Estado, que em sua época permitia a dominação da religião o que impedia a liberdade perfeita, defendendo assim a pluralidade da fé que iria permanecer em um mercado livre e competitivo, na qual, cada igreja sentiria sob a mesma necessidade de fazer o máximo de esforço para preservar e aumentar o número de fiéis.

Segundo Anderson (*apud* CORRÊA; VALE, 2015), Finke (1997), Gracino (2008), Iannaccone (1995, 1997), Iannaccone *et al.* (1997), Pierucci (1999), Adam Smith apresentou dois pressupostos básicos para a relação liberdade religiosa e liberdade econômica: o primeiro trata-se da competição religiosa como fenômeno do mercado e o segundo aponta que as crenças e atividades religiosas são escolhas racionais: os incentivos sociais e econômicos influenciariam as escolhas individuais. A separação Estado-Igreja aumentaria as taxas de retorno dos investimentos, a liberdade da crença, a oferta, a diversidade e incentivos dos produtores e consumidores, o que por sua vez, impulsionaria a criação de novas igrejas, consolidando assim a concorrência entre elas<sup>22</sup>. Para tanto, a variedade de igrejas ofertando necessidades especiais às preferências do demandante é o pluralismo da fé. A tendência para uma estrutura de mercado competitiva seria a queda na taxa de lucro, tudo mais constante. Todavia, o destaque vai, até mesmo por questões de espaço e escolha do enfoque na discussão, não para taxas de lucros auferidas pelas igrejas, mas justamente no aumento do número de fiéis que integram as comunidades religiosas; e indo além, o que justifica este crescimento na disponibilidade em doar e investir, nestes espaços de forma que sejam o respaldo financeiro para rodadas consecutivas do crescimento Neopentecostal no Brasil.

---

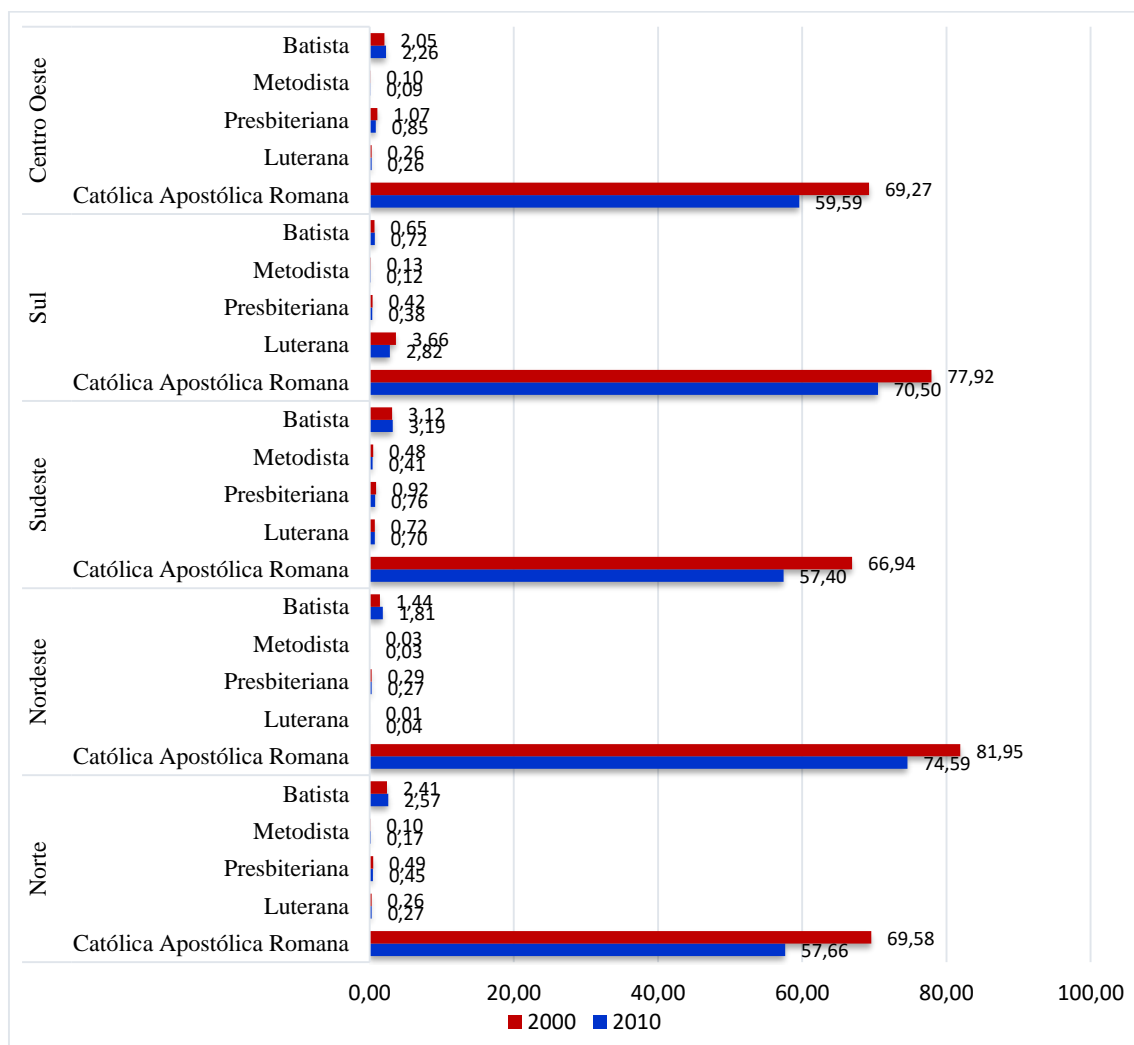
<sup>22</sup> Oliveira, Cortes e Balbinotto (2011) posicionam dois ramos distintos, teoricamente, no que tange o estudo da religião e economia. A partir da desregulamentação da religião por parte do estado laico, os autores indicam o estudo pela via da oferta religiosa (ligado ao conceito da escolha racional pelo indivíduo) e pela via da demanda (oriunda da categoria histórico-cultural em que um grupo social escolhe uma prática religiosa).



Todo mercado é formado basicamente de demandantes e ofertantes. As relações entre os agentes criam o processo de produção e comercialização. Na religião, estes agentes podem ser demarcados, de acordo com Frigerio (2000), em consumidores como membros do grupo religioso e ofertantes como pregadores e igrejas. O discurso é a materialização do incentivo ao investimento, a ativação da fé naquilo que se almeja, a possibilidade de atomização do otimismo. Mariano (2011) apontou para três determinantes do discurso: ajuda ao livramento dos vícios, restauração da família e ensinamento de uma forma de ascetismo.

O pluralismo religioso no Brasil, estimulou o nascimento e estabilização de igrejas não tradicionais e como resultado deste fenômeno verifica-se o crescimento de igrejas evangélicas. Nos gráficos 1 e 2 é possível perceber a distribuição da população por religião de acordo com a região do Brasil através dos dados censitários do IBGE, nos anos de 2000 e 2010.

**Gráfico 1 – Percentual da população por religiões tradicionais (Brasil, 2000-2010)**

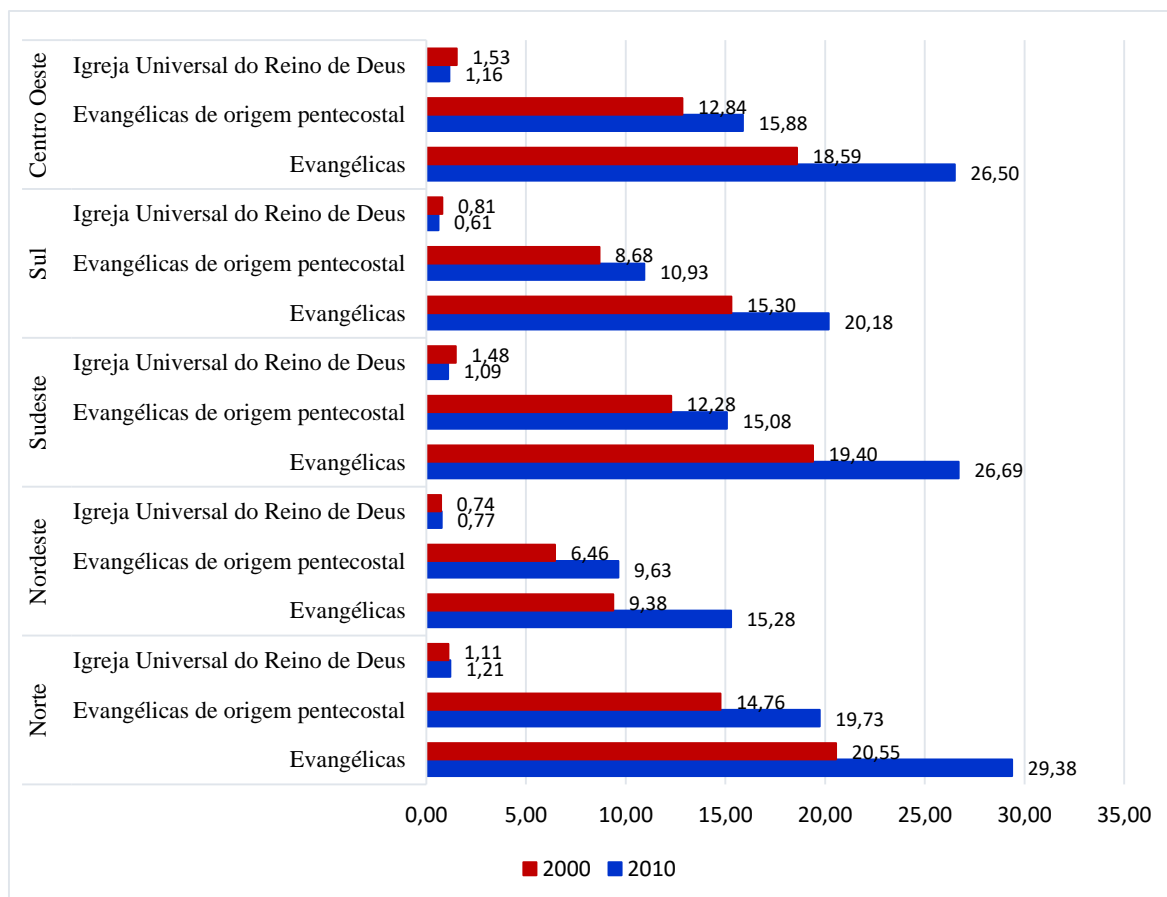


Fonte: Elaboração própria, a partir de IBGE – Censo Demográfico (2010).

Através do gráfico 1, percebe-se que a igreja católica continua tendo o maior número de fiéis, no entanto, vem seguindo uma trajetória decrescente em todas as regiões do Brasil. As demais igrejas são menos difundidas na população brasileira e estão perdendo fiéis com exceção da igreja Batista que vem crescendo em todas as regiões. A igreja Luterana cresceu nas regiões Norte e Nordeste e a igreja Metodista na região Norte. Esses resultados poderiam incitar uma análise a partir de um afastamento da identidade religiosa herdada, ou seja, usar a liberdade para escolher suas preferências religiosas. Mariano (2008b) indicou que os pentecostais aproveitam da longa tradição mágica da Igreja Católica no imaginário popular brasileiro e do seu decréscimo deram nova roupagem ao discurso. Fry

e Howe (1975) apontaram também pela possibilidade de voz que os fiéis nas igrejas pentecostais ganham – a voz do testemunho público em detrimento que se pode avançar no desigual sistema socioeconômico e até nas tradicionais igrejas históricas e católicas<sup>23</sup>.

**Gráfico 2 – Percentual da população por religiões evangélicas (Brasil, 2000-2010)**



Fonte: Elaboração própria, a partir de IBGE – Censo Demográfico (2010).

Observa-se no gráfico 2 o crescimento das igrejas evangélicas em todas as regiões, representando em 2010 aproximadamente 30% da população em cada região. Cabe ressaltar que nos dados do IBGE, a categoria “Evangélicas” é o total

<sup>23</sup> Diferente da tradição dos seminários católicos e protestantes históricos, os neopentecostais dão ênfase ao distanciamento do estudo sistemático da teologia; pode-se ressaltar a IURD (MARIANO, 2004); na contramão, o campo pentecostal busca na formação teológica uma evidência do caráter prático despertado por alguns fiéis para liderança como a Igreja Quadrangular e seu Instituto Teológico espalhado em várias cidades do Brasil e, como aponta Bitun (2009), a Assembleia de Deus com suas mais de 60 escolas reconhecidas.

de todas igrejas classificadas como evangélicas incluindo as de origens pentecostais e neopentecostais (e a porcentagem da IURD – que recebeu uma categoria na pesquisa do IBGE devido auferir quantidade significativa de seguidores autodeclarados). Deste modo, dos 30% dos fiéis evangélicos, em torno de 20% são das igrejas de origem pentecostal em 2010 seguindo trajetória ascendente em relação ao ano de 2000. A IURD, como foi dito na seção anterior, foi uma das igrejas brasileiras expoentes a adotar a Teologia da Prosperidade<sup>24</sup>, representando cerca de 1% dos fiéis em cada região, com destaque para crescimento nas regiões Norte e Nordeste<sup>25</sup>. Porém, apresentou queda nas demais regiões – Sudeste, Sul e Centro Oeste – isto possivelmente consequência da criação de outras igrejas oriundas da própria IURD que também foram indicadas na seção anterior.

Uma característica comum entre as igrejas neopentecostais é o apelo às campanhas que reúnem multidões em busca de uma benção de alguma ordem. Mariano (2008a) destaca que essa forma institucional, assim como os encontros semanais (em praticamente todos os dias da semana – na IURD, por exemplo), são respostas aos interesses propostos em atender à demanda de aflição<sup>26</sup>.

Com os resultados dos gráficos 1 e 2 percebe-se como uma maior liberdade do indivíduo na escolha de suas preferências religiosas aumenta a oferta, o que de acordo com Corrêa e Vale (2015), impulsiona o ativismo militante, pois assim é possível identificar, mobilizar e satisfazer os diversos públicos. Nestas condições, ocorre o aumento da competitividade religiosa, exigindo, como Adam Smith nomeia, que os produtores religiosos sejam mais comprometidos, dinâmicos e profissionais, ou seja, competitivos empresarialmente – o que possivelmente gera uma onda de otimismo propícia para ação do investidor keynesiano.

No gráfico 3, apresentamos o indicador de atividade econômica das organizações religiosas, bem como sua comparação<sup>27</sup> em relação a outras

---

<sup>24</sup> Como indica Mariano (2008b, p. 75): “A Teologia da Prosperidade, que promete prosperidade, felicidade e vitória terrenas, é o carro-chefe da estratégia arrecadadora da Universal, a denominação pentecostal mais eficiente na coleta de recursos financeiros no Brasil”.

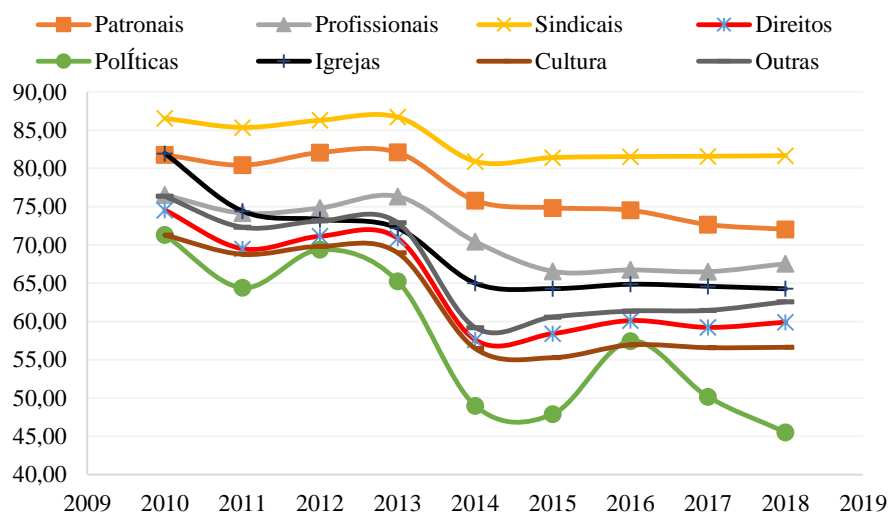
<sup>25</sup> Importante notar que no universo pentecostal de grande heterogeneidade em diversas denominações religiosas de alcance nacional até municipal, a IURD possui uma fatia média de mais de 7% dos fiéis entre os pentecostais.

<sup>26</sup> Conforme ainda aponta o autor: “É por meio desses ritos, práticas e cultos, (...) que os pastores pentecostais conferem novos significados religiosos ao desemprego, à pobreza, à doença, à briga conjugal, à depressão, à solidão, à infelicidade, ao sofrimento e aos infortúnios em geral” (MARIANO, 2008b, p. 92).

<sup>27</sup> As organizações religiosas ou filosóficas são encontradas no nível mais desagregado, mais especificamente na subclasse 9491-0/00 da divisão 94 - Atividades de Organizações Associativas. Assim

organizações: Atividades de organizações associativas patronais e empresariais, Atividades de organizações associativas profissionais, Atividades de organizações sindicais, Atividades de associações de defesa de direitos sociais, Atividades de organizações políticas, Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte, Atividades associativas não especificadas anteriormente. Cabe ressaltar que atividades de organizações religiosas ou filosóficas engloba todas as religiões (Igrejas católicas, evangélicas, terreiros de Umbanda etc.), assim como institutos de psicanálise e agremiações filosóficas. Os dados foram extraídos dos microdados de estabelecimentos da RAIS para os anos de 2010 a 2018, utilizando a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) 2002<sup>28</sup> para filtrar os setores em cada ano. Após o recorte dos dados, foi feita tabelas de frequência para o Indicador de estabelecimento/entidade que exerceu atividade durante o ano de referência, em que uma variável binária igual a 1 se as organizações exerceram atividade no ano-base, sendo esta condição apresentada neste gráfico.

**Gráfico 3 – Percentual de Atividade Econômicas das Organizações (Brasil, 2010-2018)**



Fonte: Elaboração própria, a partir de RAIS Estabelecimento – PDET Microdados.

para fins de comparação é necessário utilizar os setores a nível de subclasse, como a CNAE 2002 possui 1301 Subclasses, utilizamos apenas as subclasses pertencentes a divisão 94.

<sup>28</sup> A CNAE 2002 é a classificação oficialmente adotada pelo Sistema Estatístico Nacional e pelos órgãos federais gestores de registros administrativos, sendo estruturada em: 21 Seções, 87 Divisões, 285 Grupos, 673 Classes e 1301 Subclasses.

Através dos resultados do gráfico 3, verifica-se uma trajetória de queda nas atividades econômicas até 2014, e entre este ano e 2018, a permanência da estabilidade do nível de atividade na maioria das organizações. Diferente do que foi observado em outros setores da economia, como o setor de serviços, devido ao aprofundamento da crise econômica vivida no país neste período<sup>29</sup>. No entanto, é perceptível ver o caráter empreendedor que as igrejas vêm assumindo: mais da metade dos CNPJs ativos das organizações religiosas exercem atividades econômicas, acompanhando as demais organizações. Observando assim, a presença do otimismo do produtor religioso demonstrada principalmente em um comportamento na busca por fiéis e de mais métodos de gestão<sup>30</sup>, para gerar capital e então atingir o sucesso como empreendedor religioso (MARIANO, 2003, 2008a; CORRÊA; VALE, 2015).

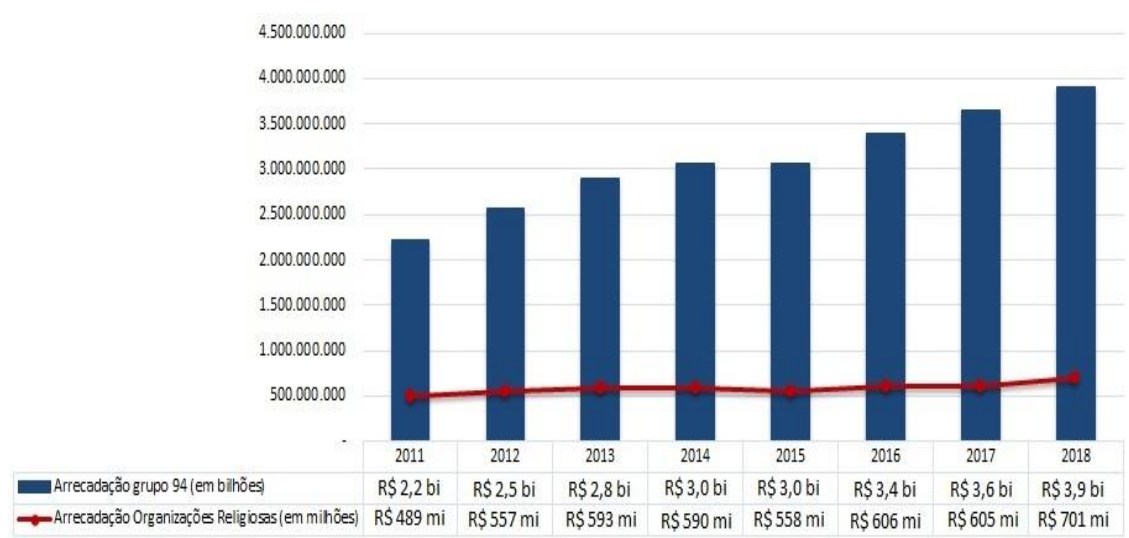
O que chama atenção aqui é que mesmo com a diminuição das atividades econômicas, as organizações religiosas possuem uma arrecadação anual milionária. De acordo com os dados RFB e Ministério da Economia, percebe-se que as arrecadações das entidades religiosas registradas na RFB, seguem uma trajetória crescente, representando aproximadamente 18% do total da arrecadação do grupo 94, como pode ser visto no gráfico 4.

---

<sup>29</sup> Barbosa Filho (2017) e Paula e Pires (2017) chamam a atenção para o fato de o Brasil enfrentar uma crise econômica de ordem política que impactou tanto a demanda e a oferta de produtos e serviços na economia. Desaceleração econômica expressa na diminuição do Produto Interno Bruto (PIB), diminuição dos investimentos e redução do consumo interno são alguns dos fatores marcantes deste período.

<sup>30</sup> De acordo com Lima (2007), para a IURD, uma doutrina pautada no universo macroeconômico brasileiro a partir da década de 90 com a abertura econômica internacional, tendo como símbolo o investimento no (eu) empresário em detrimento do (eu) operário. “Os valores estimulados pelo sistema moral da Igreja Universal do Reino de Deus – “vitória”, “mudança de vida”, “prosperidade” – e repetidos em sua pedagogia voltada para o trabalho empreendedor – “batalhar”, “empresário”, “colocar um diferencial no seu produto” – estão em oposição não somente ao desemprego, mas também ao emprego, ali unanimemente avaliado como algo que “já chega”, pois é fonte de “vidinha, de miséria, de humilhação” (LIMA, 2007, p. 147-148).

**Gráfico 4 – Arrecadação da Receita Administrada pela RFB, em valores reais, segundo a divisão 94 da CNAE 2002 e o subgrupo organizações religiosas ou filosóficas (Brasil, 2011-2018)**



Fonte: Elaboração própria, a partir de Receita Federal e Ministério da Economia/ Acesso a Informação.

Nota: Os valores nominais foram deflacionados pelo INPC acumulado do ano de 2018.

O quadro 1, a seguir, mostra um panorama da presença nacional e internacional das igrejas tratadas neste artigo – dados obtidos pela divulgação na página *web* de cada denominação religiosa. Importante destacar a presença nacional e internacional da IURD. Dentre as neopentecostais levantadas, é a que mais atua no mundo em implantação de igrejas – o que justifica a enorme atenção dos pesquisadores em focar estudos para ela. Entretanto, é interessante frisar que o MIR, denominação que nasceu fora do eixo tradicional Rio/São Paulo, vem tomando destaque nacional em curto espaço de tempo (desde 1992). A IBL tem como forma de gestão expansiva o que eles denominam de GC's (Grupos de Crescimento): são grupos que reúnem pessoas do mesmo círculo de amizade e/ou familiar, em casa ou hotéis, a fim de ampliar vínculos, com um plano de fundo proselitista, que mais adiante ganha forma de uma igreja implantada na determinada cidade.

**Quadro 1 – Atuação nacional e internacional neopentecostal**

Igreja	Quantidade	
	UF atuação	Países atuação
IURD	27	95
IIGD	27	8
IMPD	27	24
IBL	14	3
MIR	7	-

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados dos sites das Igrejas.

Destarte, com o intuito de não criar um caráter valorativo da ação dos movimentos religiosos na sociedade, mas o destaque dado nesta seção que caracteriza desde a mudança conjuntural do perfil religioso cristão (migração denominacional) até a expressiva presença de atuação dos novos expoentes no movimento Neopentecostal, os dados descrevem a intensa influência de um “espírito” empreendedor; uma força que motiva a ação e faz com que os agentes tratados ganhem expressões intra e internacionais. É o que Pereira (2011, p. 179) indicou sobre a orientação religiosa cristã, que “as igrejas protestante-evangélicas de um modo geral, têm por princípio religioso a difusão e propagação de sua fé”.

## 6. Conclusão

Através deste estudo verificamos que para Weber as principais formas de protestantismo ascético na história – o pietismo, o metodismo, o movimento Batista e o calvinismo –, estão fortemente presentes aos estímulos do “espírito” do capitalismo, em que o dever em relação ao acúmulo de bens é uma característica da ética social da cultura capitalista, cultura esta, proveniente da Reforma Protestante que gerou uma disciplina nos indivíduos.

O “espírito” capitalista para Weber é o centro das ações econômicas capitalistas, isto é, o sentimento espiritual que move o capitalismo. O que vai de encontro com o conceito de *animal spirits* adotado por Keynes na TG, que é um impulso espontâneo à ação em que são induzidas e carregadas de otimismo que serão a força que moverá o empreendedor, ou seja, tanto o “espírito” capitalista quanto o *animal spirits* são gestados e movidos pela fé que, por sua vez, resulta em esperança e motivação causando assim um estado de confiança para o indivíduo nas tomadas de decisões. A partir disso, Keynes justifica o sentimento que move o investidor, trazendo uma nova definição de racionalidade – àquela que



desperta seu otimismo subjetivo até quando o empreendedor responde como replicador de um espírito de confiança geral – diferentemente da teoria clássica que é injustificável para o autor.

Nosso objetivo foi de verificar como é possível nos arranjos atuais perceber relações entre os neopentecostais, seu discurso e expansão no Brasil desde a década de 1970 a partir desta aproximação. A separação Estado-Igreja permitiu a liberdade e pluralidade da fé. Essa separação defendida por Adam Smith, impulsionaria a criação de novas igrejas estabelecendo a concorrência entre elas como um fenômeno de mercado.

Os neopentecostais nasceram em um contexto de desregulação do Estado-Igreja, ou seja, em um contexto de lógica de mercado religioso. Baseada na Teologia da Prosperidade, que motiva e impulsiona o fiel a tomar uma atitude quanto a obtenção da prosperidade, que por sua vez exige “sacrifícios” para que os resultados sejam alcançados. Os sacrifícios são manifestados no discurso de dispor à divindade seus rendimentos financeiros, tempo voluntário de atenção à causa religiosa e fidelidade a fim de “colher” o que lhe é de direito. Para aumentar o número de fiéis, essa concepção teológica age de acordo com a escolha de maneira que atenda às necessidades humanas em um determinado momento, na qual, o indivíduo ao se deparar com desafios que já se tornaram difíceis de serem sanados no campo tradicional da vida econômica, ouve o discurso que o faz ser motivado em fé – “espírito” capitalista, despertando seu *animal spirits*.

Foi observado que o pluralismo religioso no Brasil estimulou o nascimento de igrejas não tradicionais e, conseqüentemente, o crescimento das igrejas evangélicas, enquanto as tradicionais vêm seguindo uma trajetória decrescente, indicando um afastamento da identidade religiosa herdada, devido a maior liberdade do indivíduo para escolher suas preferências religiosas. As igrejas vêm assumindo cada vez mais um caráter empreendedor, em que mais da metade dos CNPJs ativos das organizações religiosas exercem atividades econômicas (não é à toa que no Brasil algumas das grandes estratégias é usar canais de televisão, representação político-partidário, programas de rádios e megaeventos públicos em estádios, casas de *shows* e teatros).

As Igrejas adaptaram a situação pluralista de mercado, sendo as neopentecostais com muita eficiência na adaptação do linguajar econômico-financeiro, dando-lhes vantagens concorrenciais. Portanto, com mais liberdade e

menos regulação do Estado, as igrejas vêm sendo submetidas à lógica de economias de mercado e reforçando que cada fiel não só pode, como é mediador de si, ou em outras palavras, empresário de si mesmo.

### Referências

ABUMANSUR, E. A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais. *Dossiê*, v. 9, n. 22, p. 396-415, 2011.

AKERLOF, G.; SHILLER, R. *Animal spirits*. Princeton: Editorial Associates, 2010.

ALMEIDA, M. H. O sindicato no Brasil: novos problemas, velhas estruturas. *Debate e Crítica*, n. 6, p. 49-74, 1975.

ANDRADE, R. A agenda do keynesianismo filosófico: origens e perspectivas. *Revista de Economia Política*, v. 20, n. 2, p. 76-94, 2000.

BARBOSA FILHO, F. A crise econômica de 2014/2017. *Estudos Avançados*, v. 31, n. 89, p. 51-60, 2017.

BÍBLIA, A. T. Hebreus. IN: BÍBLIA. Português. *Sagrada Bíblia: Nova Versão Internacional*. Tradução pela Comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, p. 940, 2000.

BITUN, R. Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios. *Revista Caminhando*, v. 14, n. 2, p. 55-65, 2009.

CAMPOS, P. *A brasa fora do braseiro: implicações identitárias de uma Igreja Protestante histórica em processo de pentecostalização*. IN: *Anais do XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias*, Rio de Janeiro, 2017.

CARDOSO, F.; LIMA, G. A concepção de Keynes do sistema econômico como um todo orgânico complexo. *Economia e Sociedade*, v. 17, n. 3, p. 359-381, 2008.

CORRÊA, V.; VALE, G. Ação econômica e religião: igrejas como empreendimentos no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 21, n. 1, p. 1-18, 2017.

ESPERANDIO, M. Da ética protestante à ética “iurdiana”: o espírito do capitalismo. *Protestantismo em Revista*, v. 6, p. 29-44, 2005.

FRIGERIO, A. Teorias econômicas aplicadas ao estudo da religião: em direção a um novo paradigma? *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 50, p. 125-143, 2000.

FRY, P.; HOWE, G. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. *Debate e Crítica*, n. 6, p. 75-94, 1975.

GALLO, F. A teologia da prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus. In: LANZA, F (Org.). *Cultura e religiões na contemporaneidade*. Londrina: Editora da UEL, 2013.

HENRIQUES, R. Comportamento racional e formação de crenças em Keynes. *Revista Brasileira de Economia*, v. 54, n. 3, p. 359-379, 2000.

IGREJA BATISTA DE LAGOINHA. *Células*. Disponível em <https://www.lagoinha.com/celulas/>. Acesso em: 01 dez 2019.

IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS. *História*. Disponível em [http://ongrace.com/portal/?page\\_id=7](http://ongrace.com/portal/?page_id=7). Acesso em: 01 dez 2019.

IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS. *Igrejas*. Disponível em <https://impd.org.br/igrejas>. Acesso em: 01 dez 2019.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. *Países*. Disponível em <https://www.igrejauniversal.pt/paises/>. Acesso em: 01 dez 2019.

KEYNES, J. The general theory of employment, interest and money. IN: JOHNSON, E.; MOGGRIDGE, D.; ROBINSON, A. *The collected writings of John Maynard Keynes, volume 7*. Cambridge: The Royal Economic Society, 2013.

KEYNES, J. *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Saraiva, [1936] 2012.

KOPPL, R. Animal spirits. *Journal of Economic Perspectives*, v. 5, n. 3, p. 203-210, 1991.

LIMA, D. “Trabalho”, “mudança de vida”, e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 132-155, 2007.

MACEDO E SILVA, A. *Macroeconomia sem equilíbrio*. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1994.

MARIANO, R. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 111-125, 2003.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

MARIANO, R. Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 20, n. 2, p. 41-66, 2008a.

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal do Brasil: Fatores Internos. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 4, p. 68-95, 2008b.

MARIANO, R. Sociologia do crescimento pentecostal do Brasil: um balanço. *Perspectiva Teológica*, v. 43, n. 119, p. 11-36, 2011.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996 [1867].

MINISTÉRIO INTERNACIONAL DA RESTAURAÇÃO. *MIR no Brasil*. Manaus, 2018. Disponível em <http://www.mir12.com.br/br/2019/mir/mir-no-brasil>. Acesso em: 01 dez 2019.

MORAES, E.; LANZA, F. *Neopentecostalismo e capitalismo contemporâneo: relações de afinidade e dependência*. In: LANZA, F. (Org.). *Cultura e religiões na contemporaneidade*. Londrina: Editora da UEL, 2013.

OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Editorial Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, L.; CORTES, R.; BALBINOTTO, G. A economia da religião e seus fundamentos: teste de um modelo de escolha religiosa. *Estudos Econômicos*, v. 41, n. 4, p. 811-840, 2011.

OLIVEIRA, V. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo: o capitalismo e seu arrimo teológico. *Revista Hermenêutica*, v. 10, n. 2, p. 167-179, 2010.

PASSOS, J. Teogonias urbanas: os pentecostais na passagem do rural ao urbano. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 4, p. 120-128, 2000.

PATROCINO, L. *Protestantismo(s) histórico(s)*. In: LANZA, F (Org.). *Cultura e religiões na contemporaneidade*. Londrina: Editora da UEL, 2013.

PAULA, L. F.; PIRES, M. Crises e perspectivas para a economia brasileira. *Estudos Avançados*, v. 31, n. 89, p. 125-144, 2017.

PEREIRA, R. *Igreja Batista da Lagoinha: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Direito e Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Paulo, 2011.

RIBEIRO, L. O protestantismo brasileiro: objeto em estudo. *Revista USP*, n. 73, p. 117-129, 2007.

SINGER, P. Desenvolvimento e repartição da renda no Brasil. *Debate e Crítica*, n. 3, p. 67-94, 1973.

SMITH, A. *An inquiry into the causes of the wealth of nations*. Lausanne: Edited MetaLibri Digital Library, 2007.

SOUZA, A. Pluralidade cristã e algumas questões do cenário religioso brasileiro. *Revista USP*, n. 120, p. 13-22, 2019.

SOUZA, A; PINTO, M. Duas igrejas expoentes do novo empreendedorismo pentecostal. *Contemporânea*, v. 3, n. 1, p. 111-127, 2013.

SUNG, J. Novas formas de legitimação da economia: desafios para ética e teologia. *Revistas Estudos da Religião*, n. 3, p. 93-113, 2001.

SUNG, J. Mercado religioso e mercado como religião. *Dossiê*, v. 12, n. 34, p. 290-315, 2014.

SZMRECSÁNYI, T. Fundamentos teóricos e metodológicos do estudo da história econômica. *Revista História Econômica & História de Empresas*, v. 11, n. 2, p. 31-43, 2008.

TORRES, R. O neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica. *Perspectivas*, v. 32, p. 85-125, 2007.

UHR, D.; PAULA, S.; SANTOS, M.; VIEIRA, L.; UHR, J. A ética protestante e o espírito do capitalismo: preferências quanto ao mercado de trabalho, empreendedorismo e a estrutura familiar no Brasil. *Economia Aplicada*, v. 25, n. 3, p. 395-420, 2021.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2011.